

TEMPO E ESPAÇO NO PROJETO EDITORIAL DA FOLHA DE S. PAULO. UMA APLICAÇÃO DO CONCEITO DE CRONÓTOPO, DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Assunção Cristóvão*

Resumo:

Este artigo recorre à noção de cronótopo, do Círculo de Bakhtin, para investigar como os projetos editoriais do jornal **Folha de S. Paulo** manifestam-se em relação aos aspectos tempo e espaço na atividade jornalística. Mais do que localizar no texto dos projetos editoriais o cronótopo do jornalismo como atividade, a análise deteve-se na forma como os projetos sugerem que os profissionais do jornal encarem a sua profissão, já que, por serem identificados como gênero precritivo, esses textos orientam as atividades dos profissionais de veículos de comunicação, em vários aspectos, entre eles o ético, o comportamental e em relação a técnicas de texto. Dessa forma, foi possível notar uma modificação singular na forma de execução do trabalho jornalístico em relação ao tempo, categoria bastante relacionada a essa atividade profissional, e ao espaço, já que os jornalistas, antes considerados "testemunhas oculares da história", hoje têm no telefone e no e-mail suas principais ferramentas de trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo, Projeto Editorial, Cronótopo, Folha de S. Paulo.

Este artigo buscou no conceito de cronótopo do Círculo de Bakhtin elementos para proceder à análise de aspectos relacionados ao espaço/tempo no atual Projeto Editorial do jornal **Folha de S. Paulo**, produzido no ano de 1997 e que se encontra disponível no site do jornal na internet (http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/linha_editorial.shtml, acessado em 22/02/07) e no Manual de Redação da **Folha de S. Paulo** (2001).

Antes de nos determos, porém, nessa análise, é importante definir o que se considera, aqui, "projeto editorial", já que o termo é muitas vezes confundido com

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Araraquara. Email: sumpy@uol.com.br.

"editorial", ou seja, textos publicados em espaços reservados pelos jornais impressos para a manifestação de opiniões.

O projeto editorial é concebido como "um texto que sintetiza a visão que o jornal está tendo sobre o jornalismo mesmo, sobre os objetivos, as metas, os problemas a superar, etc. Esse texto, de certa forma, atualiza os pressupostos, os métodos, os objetivos que o jornal procura alcançar", segundo definição de Otávio Frias Filho (apud ABREU; LATTMAN-WELTMAN; ROCHA, 2003, p.370). Esses projetos visam ainda a determinar as feições "ideológicas, políticas e técnicas" (SILVA, 1988, p.68) do jornal, ou a forma pela qual ele quer ser reconhecido, da mesma maneira que influenciarão os outros gêneros, a começar pelos manuais de redação e estilo que, por sua vez, determinam e detalham as orientações expressas nos projetos editoriais.

Feita essa consideração, é importante ainda destacar a característica dos projetos editoriais de serem textos reservados aos funcionários dos veículos de comunicação, portanto, de circulação restrita, em que pese a decisão da **Folha de S. Paulo**, inovadora nesse aspecto, de ter divulgado publicamente uma de suas versões, a de 1985, que hoje encontra-se disponível no site do jornal na internet, com outras cinco edições dos seus projetos, inclusive a última, datada de 1997, que vigora até hoje.

O projeto atualmente em vigor, após uma curta introdução que resume seus objetivos, manifesta: "Sendo um registro taquigráfico da História, o jornalismo sofre necessariamente o primeiro impacto dos fatos".

O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (Editora Objetiva, RJ, 2001, 1ª edição, p. 2671), define taqui como antepositivo do grego *takhos*, *-eos*, "'rapidez, prontidão, velocidade' em compostos originariamente gregos ou formados a partir do século XIX à feição daqueles, isto é, com base no radical *takhus* 'rápido, pronto, veloz' [...]. Ou seja, nesse contexto, para a **Folha**, o adjetivo "taquigráfico" consigna que velocidade e rapidez são inerentes à própria concepção de jornalismo, já que se pode supor que o jornal concebe o jornalismo como "um registro taquigráfico" dos fatos.

Essa imagem não é nova. O jornalismo desde há muito é identificado com a rapidez, a velocidade e a pressa. E se já era assim nos filmes americanos do início do século XX – meninos vendedores de jornal gritando "Extra, Extra, Extra" são cenas recorrentes em filmes dessa época - essa imagem tem maiores possibilidades de ser reforçada com o jornalismo televisivo e o da Internet, com a notícia sendo transmitida em "tempo real". Sair na frente, dar a notícia em primeira mão, provocar um "furo" de reportagem também são expectativas do público e da imprensa sobre ela mesma. Expectativas que, com as novas tecnologias de informação e comunicação, cada vez mais se tornam quimeras. O "furo" de reportagem, que até poucas décadas

atrás colocava seu autor com pelo menos um dia na frente dos concorrentes, hoje é quebrado em questão de segundos. A velocidade cada vez maior da notícia na Internet e na televisão pouco permite identificar qual veículo divulgou primeiro a notícia e, teoricamente, em função das facilidades de criação de *sites* pessoais e de *blogs*, todo mundo pode ser um *jornalista*, no sentido de ser aquele que transmite um fato relevante em primeira mão. É como se tempo e espaço, neste mundo moderno, fossem interligados num único "presente", o único tempo verbal que historicamente interessa ao jornalismo. Essa sua faceta, de estar irremediavelmente preso ao presente, também acentua a característica de o jornalismo ser um processo fragmentário da realidade, desprovido de vínculos com a história ou com um contexto de relações mais amplas.

Ao analisar a metodologia do estudo do romance, Bakhtin mostra o quanto, na história do desenvolvimento desse gênero literário, a vida atual, a utilização do tempo presente, a "vida sem começo e sem fim", na expressão do teórico russo (1998, p.412), "era objeto de representação somente dos gêneros inferiores", apesar de ser também o principal objeto de representação da criação cômica popular.

Ainda falando sobre o romance, Bakhtin alerta para essa característica de processo inacabado do tempo presente: "[...] o presente é, por assim dizer, em princípio e em essência, algo não acabado: ele exige uma continuidade com todo o seu ser. Ele marcha para o futuro e, quanto mais ativa e conscientemente ele vai adiante, para esse futuro, tanto mais sensível e mais notável é o seu caráter de inacabado. Por isso, quando o presente se torna o centro da orientação humana no tempo e no mundo, o tempo e o mundo perdem seu caráter acabado, tanto no seu todo, como também em cada parte. O modelo temporal do mundo modifica-se radicalmente: este se torna um mundo onde não existe a palavra primordial (a origem perfeita), e onde a última ainda não foi dita" (BAKHTIN, 1998, p.419).

Mas, além do tempo, também o espaço é um parâmetro regulador do trabalho jornalístico. A proximidade é um dos fatores que determinam a importância de uma notícia e o fenômeno recente da globalização tem interferido na noção secular e linear de espaço e tempo que faz parte do senso comum.

Bakhtin chamou de cronótopo essa inter-relação entre espaço e tempo, em literatura, fazendo, basicamente, o que Einstein fez na física: uma revolução nas noções de espaço e de tempo, tendo como pano de fundo o homem que por eles circula. É isso também o que afirma Stan (2000, p.17), ao relacionar a noção de dialogismo de Bakhtin com teorias científicas como a da Relatividade de Einstein: "Sua concepção da relação entre o eu e o outro apresenta analogias com outras concepções da ciência, particularmente com o conceito da relatividade, de Einstein – a saber, o papel determinante do *locus*, a partir do qual se observam os fenômenos –, e com o

"princípio da indeterminação", de Heisenberg, ou seja, a idéia de que o próprio ato da observação científica altera inevitavelmente o fenômeno em observação. O que vemos é determinado pelo lugar de onde vemos. Em se tratando de um diálogo humano, observa Bakhtin, posso ver o que você não pode ver (você mesmo, sua expressão, os objetos que estão por detrás de você) e você vê o que não posso ver. Essa necessária e produtiva complementaridade de visões, compreensões e sensibilidades forma o cerne da noção bakhtiniana de diálogo".

Assim como fez Einstein ao elaborar sua Teoria da Relatividade, Bakhtin pregou a indissociabilidade de espaço e tempo: "As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas *distâncias sociais*, que não são superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama pelo espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: 'o caminho da vida', 'ingressar numa nova estrada', 'o caminho histórico' e etc; a metaforização do caminho é variada e muito planejada, mas o sustentáculo principal é o transcurso do tempo" (BAKHTIN, 1998, p.350).

É, inclusive, "quase" como uma metáfora, que Bakhtin concebe o conceito de cronótopo, ao transportá-lo do campo da Física para o da Crítica Literária: "À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos *cronotopo* (que significa "tempo-espaço"). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente); nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço)" (BAKHTIN, 1998, p.211).

Na rotina diária do trabalho jornalístico, tempo e espaço sempre contaram com modos de percepção diferentes daquele proporcionado pelo mundo físico ou, pelo menos, pelo modo como o senso comum o experimenta. O fato registrado pelo jornalista no jornal diário era divulgado no tempo presente mesmo tendo acontecido no passado. Assim, hoje, o leitor leria: "Acidente mata 30 pessoas", mesmo tendo o acidente ocorrido no dia anterior. Tempo e espaço já não tinham, portanto, a rigidez sugerida pelo mundo físico.

Com o advento das novas tecnologias, notadamente o rádio e a televisão, foi o espaço que se tornou um conceito mais subjetivo e relativo. As notícias já não dependiam de um transporte físico do meio – o papel – para serem conhecidas. Ondas sonoras e transmissão de imagem por satélite davam a sensação de que os fatos ocorriam dentro de nossas casas. Apesar de tempo e espaço continuarem a

ser norteadores importantes para que o leitor pudesse contextualizar a informação, já não eram de fundamental importância para garantir seu acesso a ela. Na verdade, a impressão que se tem é de que o jornalismo engloba todos os espaços, pelo menos os públicos e sociais, e todos os tempos, sincrônicos ou não. A assincronia, já instalada no jornalismo impresso, acentua-se com as tecnologias virtuais, ao mesmo tempo em que parecem se diluir as noções de tempo e espaço. O "agora" da notícia passa a ser o momento em que se liga o aparelho de televisão ou aquele em que se conecta a um *site* de notícias na Internet, e o "aqui" pode ser uma confortável poltrona da sala de estar, de onde se assiste, por exemplo, a fatos importantes como o ataque às Torres Gêmeas do *World Trade Center*. Vale lembrar que se cogitou, à época, que o ataque tivesse sido planejado em função da possibilidade de que acontecesse exatamente o que aconteceu: que fosse filmado e apresentado ao vivo ao mundo todo.

Isso remete a um outro processo que já se tornou comum na divulgação de notícias: o agendamento ou a "fabricação" de eventos para momentos em que eles tenham mais – ou menos – chances de serem noticiados com destaque. A realização de partidas de futebol logo após o término de novelas da Rede Globo, por exemplo, agendadas de comum acordo entre clubes e emissora, é apenas um dos exemplos mais latentes desse fenômeno. Políticos e empresas são outros exemplos, não apenas da capacidade de identificarem e manipularem o tempo em jornalismo, mas também de sua lógica interna na identificação do que é notícia, que permite a criação de eventos para serem cobertos pelos jornais.

São também de origem semelhante as notícias preparadas antecipadamente e a identificação de "fatos relevantes" em declarações bombásticas. Essas duas estratégias são abordadas por Moretzsohn (2002, p.74-75), que identifica o peso das condições de trabalho em muitos dos fenômenos inerentes ao produto jornalístico: "As condições de trabalho, por seu lado, também impõem uma certa forma de 'fabricar' notícias, ao levar o repórter a agir e pensar automaticamente, de modo a economizar tempo e cumprir suas tarefas cotidianas no prazo. Robert Darnton relatou algo que todo jornalista conhece: a elaboração mental dos textos possíveis antes mesmo de qualquer apuração, a partir do que a pauta sugere. No limite, legitima-se aquilo que, entre os jornalistas brasileiros, ficou conhecido como 'o método *Veja* de apurar', com a prática exposta certa vez - embora acriticamente - por Augusto Nunes e mais recentemente – de maneira igualmente acrítica – por Mario Sergio Conti, em sua referência à peculiar fonte inaugurada pelo jornalista Elio Gaspari, que, para poupar tempo, primeiro redigia a entrevista e depois a submetia ao entrevistado".

Continua Moretzsohn: "As grandes redações brasileiras fornecem, em todas as editoriais, exemplos diários de notícias fabricadas de acordo com a busca pela

informação capaz de ganhar destaque, ainda que com muitos malabarismos verbais e/ou visuais, coerentes com a nossa 'sociedade do espetáculo'. Assim, na editoria de esportes, jornalistas fomentam a rivalidade entre jogadores, frequentemente com a cumplicidade destes, de modo a criar polêmica que será assunto obrigatório para o público. A mesma lógica se estende às demais áreas".

Esses trechos do livro de Moretzsohn foram considerados relevantes também porque permitem introduzir a questão da influência das condições de trabalho no resultado da atividade jornalística, em especial dos jornalistas da **Folha**, submetidos a avaliações periódicas do produto de sua atividade. Esse jornal, particularmente, exigia de seus profissionais um trabalho de alta qualidade realizado muitas vezes em situações adversas, nas quais o tempo curto e a pressa eram apenas alguns dos fatores que pesavam contra a meta almejada.

Ao contrário do que acontecia com a divulgação da informação jornalística, que ampliava seus limites de tempo e de espaço desde o advento de tecnologias como a do rádio, televisão e principalmente a internet – já que a notícia não era divulgada mais uma vez por dia, como no caso do veículo impresso, mas no momento em que acontecia –, para o jornalista, tempo e espaço ficavam cada vez mais restritos. Da década de 20 para cá esses dois conceitos praticamente inverteram seus valores: em termos de espaço, o jornalista, que tinha por função ser "testemunha ocular da história", que tinha contato pessoal com suas fontes, agora limita-se a fazer apurações por telefone ou pela internet; em termos de tempo, o enxugamento de pessoal nas redações e a necessidade de divulgação ininterrupta de informações exigem uma produção cada vez maior de matérias diárias.

A **Folha** não pretendia, entretanto, que esse processo comprometesse a qualidade de seu produto, e exigia cada vez mais de seus jornalistas: "A filosofia quantitativa da *FSP* atingiu um ponto alto em 1984, com a implantação das fichas, nas quais os jornalistas recebiam avaliações A, B ou C; em fevereiro de 1987, essas *notas* ganharam gradações: A1, A2, B1, B2 e C. A reunião em que era feita a avaliação foi-me descrita por um editor como "sessão de tortura". Verifiquei, em minha experiência, que essas fichas não serviam de base para demissões ou promoções – sua finalidade alegada – e seu conteúdo rarissimamente era informado aos interessados, o que leva à conclusão de que tinha a função ritual de um instrumento de pressão" (RIBEIRO, 2001, p.120, grifos do autor).

Para Ribeiro, uma preocupação excessiva em eliminar os erros, uma verdadeira obsessão, acontece depois de 1984, com a implantação do Projeto **Folha**: "A partir da implantação do seu Projeto, a *Folha* notabilizou-se por um extremo rigor, um perfeccionismo obsessivo frente aos erros de seus jornalistas. Trata-se de um traço marcante da identidade do jornal e indício da sua incapacidade em lidar com a

dimensão qualitativa dos fatos. Numa reunião de metas, em março de 1986, o secretário de Redação disse-nos que 'se o *New York Times* é um bom jornal e faz 20 erros diários, a *Folha* se tornará um bom jornal quando atingir essa média de erros'" (RIBEIRO, 2001, p.121).

Quando o projeto editorial da **Folha** (que a partir de agora será identificado como PEF) propõe a seus jornalistas a redução de erros, ele está lhes pedindo apuração rigorosa, criatividade nas pautas e no texto, estilo e correção textuais, tudo isso num tempo previamente determinado – o horário do fechamento diário do jornal. Quando sugere, por exemplo, a desestatização do noticiário, está pressuposta no discurso do jornal a exigência de matérias mais investigativas, que fujam do material enviado pelas agências de notícias, que introduzam novos personagens, matérias menos oficiais e mais diversificadas, num contexto de produção em que o telefone representa, provavelmente, mais de 90% do contato do jornalista com suas fontes. Tempo e espaço, novamente, impõem-se no desenvolvimento da atividade que, no caso da **Folha**, como afirma o seu PEF/97, é submetida a numerosas avaliações: "Os programas de qualidade se converteram em imperativo de gerência empresarial. Embora a qualidade jornalística seja em parte insuscetível de se medir em termos objetivos, ela tem pelo menos uma dimensão – os erros – apta a ser quantificada e submetida a programas desse tipo. A adaptação de programas de qualidade à esfera das redações tem mostrado que é possível reduzir a incidência dos erros de forma (linguagem e digitação), ao mesmo tempo em que abre caminho para um combate pela primeira vez metódico aos erros mais importantes, os de conteúdo, cujo mapeamento, prevenção e retificação ainda são, quando muito, incipientes" (PEF/97).

Na coletânea de excertos feitos a seguir, a partir dos projetos editoriais da **Folha**, será possível observar o nível de exigências que o jornal faz ao principal interlocutor do seu projeto, o jornalista, a maioria delas com a utilização dos verbos "dever" ou "precisar" (os grifos são nossos):

"...devemos exigir isenção e correção no trabalho individual..." (PEF/81).

"[...] Não basta relatar os fatos, é preciso expô-los à crítica. [...] Não somos jornalistas para elogiar, mas para criticar." (PEF/84).

"As reportagens devem relatar os vários pontos de vista das pessoas envolvidas com o fato; ao pautar artigos, devem balancear-se tendências diferentes e, se possível, opostas; idem ao se pautarem debates, entrevistas etc." (PEF/84).

"Precisamos informar mais e melhor. Temos que publicar textos mais corretos, mais objetivos, mais concisos, mais claros, mais completos e, sobretudo, mais exatos." (PEF/84).

"Quem exige esse zelo rigoroso é o interesse do leitor, ele próprio cada vez mais

exigente. Nós não temos alternativa exceto a intransigência técnica. Os companheiros que não exercem cargos de chefia precisam investir constantemente em seu próprio desenvolvimento profissional." (PEF/84).

"...precisamos cultivar a audácia, a sensibilidade e a vontade editorial necessárias para explorar caminhos diferentes dos tradicionais." (PEF/85).

"Precisamos aumentar a nossa capacidade de planejar, agilizar os fluxos internos e agir com rigor implacável tanto na execução das tarefas como na crítica de erros cometidos. Devemos nos revoltar contra tudo o que estiver abaixo do nível do excelente." (PEF/85).

"As edições devem conter informações úteis para o esclarecimento do leitor, mas para a sua vida concreta, prática. As pautas devem explorar os temas que mantenham relação real e imediata com a vida de quem compra ou assina o jornal. Os textos devem fugir tanto das especulações como de abstrações, para buscar imagens e exemplos do dia-a-dia, fixando no leitor o ponto permanente de referência." (PEF/85).

"A rigor, tudo o que puder ser dito sob a forma de quadro, mapa, gráfico ou tabela não deve ser dito sob a forma de texto." (PEF/85).

"...devemos estimular esforços no sentido de desenvolver uma atitude cada vez mais cética da reportagem em face dos fatos e das fontes." (PEF/85).

"A edição deve alcançar um padrão de acabamento que ela não atingiu até agora." (PEF/85).

"Devemos fiscalizar o exercício da política no sentido de contribuir para que se elevem a sua qualidade e a sua clareza." (PEF/85).

"Na área de Exterior, devemos promover uma disposição crítica diante da política das superpotências e das violações ao princípio da autodeterminação dos povos." (PEF/85).

"Precisamos insistir no fortalecimento de uma disciplina rigorosa de prevenção do erro jornalístico." (PEF/86).

"É preciso que os textos sejam mais bem escritos e que as edições tenham melhor acabamento. É necessário que as pautas sejam inteligentes, imaginosas, agressivamente investigadas." (PEF/86).

"Os editores devem dividir seu trabalho de modo seletivo. O jornal tem que noticiar tudo o que sabe comprovadamente, de modo conciso, exato e completo." (PEF/86).

"Precisamos de maior empenho na realização de um jornalismo didático e de serviço, assim como de mais velocidade no processo de especialização profissional." (PEF/86).

"Precisamos de títulos mais inteligentes, menos óbvios e mais criativos do que

temos feito até aqui." (PEF/86).

"Todos devemos participar do trabalho de pauta e do levantamento de informações, todos devemos trabalhar junto à edição do material informativo, todos os profissionais que exercem cargos de comando devem redigir habitualmente e todo repórter deve ter texto final, de preferência no próprio terminal de vídeo." (PEF/86).

Pode-se aferir, a partir do que conta Ribeiro, que o nível de exigência é muito elevado e contempla uma visão do jornalismo como religião. Essa visão de jornalismo como sacerdócio parece contraditória com o nível de profissionalismo que a **Folha** cobra de seus profissionais, mas se todas as exigências feitas pelo jornal forem agrupadas, é essa a feição que o discurso dos PEFs parece delinear:

O tempo passa a ser entendido apenas como matéria-prima do jornal, e não como algo de que o jornalista possa dispor. É ilustrativo o verbete 'fora de serviço', do Manual da **Folha**: "Mesmo quando não está em horário de trabalho, o jornalista está investido do mandato que lhe é delegado pelo jornal e a este pelos leitores. Se tiver conhecimento de algum fato que possa assumir interesse jornalístico, deve comunicá-lo imediatamente ao jornal; se presenciar alguma ameaça ou violação de direitos, deve intervir, anunciando sua condição de jornalista. Estando ou não em missão jornalística, os jornalistas são os olhos e os ouvidos do leitor." (RIBEIRO, 2001, p.130).

Nesse sentido, os jornalistas da **Folha** também não podem ter um segundo emprego, pois assinam contratos de dedicação exclusiva. Segundo o Manual da **Folha** de 2001, constituem "exceções, desde que previamente autorizadas pela Direção de Redação: atividades acadêmicas, culturais e colaborações jornalísticas". Todo o tempo de que dispõem deve ser dedicado ao jornal.

Além dessas diversas exigências, a **Folha** – e, ademais, o jornalismo brasileiro e mundial, de forma geral – vem, paulatinamente, modificando as funções dos jornalistas em relação ao que era praticado até o século passado, de certa forma acrescentando novas funções a eles ou exigindo a assimilação de tarefas antes destinadas a outros funcionários. Foi o que ocorreu com a função de copidesque (pessoa que faz a revisão do texto), abolida na **Folha** e na grande maioria dos jornais. Na **Folha**, o texto final das matérias é de responsabilidade do repórter/redator, definido assim no *Manual de Redação* de 1987 (FOLHA, 1987, p.56): "Tradicionalmente, repórteres recolhem e redigem informações; redatores as revêem, reescrevem, fundem e titulam", ou "Na **Folha**, a tendência é cada jornalista exercer tanto funções de repórter como de redator. Quem redige deve ter texto final e dominar o uso de terminais; quem trabalha na Redação também deve recolher informações e escrevê-las".

Também é tendência nas redações que o repórter/redator realize a editoração eletrônica de sua matéria, e que possa ter conhecimentos fotográficos para realizar sua própria foto.

Conforme se acentuam as exigências técnicas de seus profissionais, mais a imprensa se consolida como empresa, o que também acontece quanto mais ela se preocupa em atender a todas as demandas, anseios e dificuldades do seu leitor, cada vez mais identificado como consumidor: "Refugiada na impressão de onipotência e na exigência de livre circulação de sua mercadoria, a direção das empresas reluta em explicitar padrões éticos. Tal debate traria restrições para a sua atividade, pois a ética tem uma intrínseca pretensão à universalidade. Ora, as empresas se erigem como catedrais de valores, mas não admitem ser avaliadas - iniciativas nesse sentido são repelidas, desqualificadas sempre como censura. Embora as empresas precisem apresentar-se como campeãs de moralidade, fundamento de sua credibilidade, jornalistas e público percebem que elas direcionam a notícia e não enfrentam os grandes anunciantes. No máximo, os jornais exigem um comportamento ético de seus profissionais" (RIBEIRO, 2001, p.208).

Continua Ribeiro: "A ética das empresas respeita valores comumente aceitos pela média do público - em suma, do mercado. O testemunho de Lins da Silva representa a opinião comum na área onde atua: "A ética é uma questão que tem a ver com eficiência. Um jornal que fere a ética, fere também o leitorado. O primeiro ponto fundamental é publicar notícias inverídicas; o segundo, é ferir o bom gosto coletivo, publicar coisas ostensivamente de mau gosto para a maioria das pessoas; terceiro, invadir de forma descabida a privacidade da pessoa que é objeto da notícia".

Interessante notar que os projetos editoriais da **Folha** não omitem a questão da ética, desde que ela esteja relacionada ao que se espera do jornalista em relação ao leitor, à sociedade, aos deveres do jornalista-funcionário em relação à empresa ou aos preceitos que estão reconhecidamente ligados ao jornalista, como o de isenção, imparcialidade e objetividade. A exigência é a da ética nas relações ou de obediência à legislação em vigor. Em relação aos seus funcionários, o jornal espera dedicação exclusiva e um esforço superior aos que se exigem de profissionais de forma geral.

Enfim, é possível notar o quanto os projetos da **Folha** estão eivados de marcas lingüísticas que permitam observar o quanto a noção de cronótopo faz parte da atividade jornalística, não só daquele jornal, é claro, mas da atividade como um todo. Às vezes travestido do conceito de ética, em outras acentuado pelo excesso de verbos modalizadores, que reforçam a característica prescritiva desses textos, o tempo/espaço se faz presente nessa atividade desde sempre, e ainda mais agora com a revolução tecnológica que tanto tem afetado essa categoria profissional.

Referências bibliográficas:

ABREU, A.A.; LATTMAN-WELTMAN, F.; ROCHA, D. (Org.). **Eles mudaram a imprensa – Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual geral de redação**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 1987.

_____. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.

_____. **Projetos editoriais**. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/linha_editorial.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2009.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

RIBEIRO, J.C. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SILVA, C.E.L. da, **Mil dias: os bastidores da revolução em um grande jornal**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.

STAM, R. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 2000.

Title:

TIME AND SPACE IN THE EDITORIAL PROJECT OF THE NEWSPAPER FOLHA DE SÃO PAULO: AN APPLICATION OF THE CHRONOTOPOS CONCEPT, ACCORDING TO BAKHTIN'S CIRCLE.

Abstract:

In order to investigate the ways by which editorial projects of the newspaper Folha de São Paulo show themselves into the time and space categories in the journalistic activity, this paper uses the Circle of Bakhtin's chronotopos notion.

Besides searching in the editorial project texts chronotopos occurrences within journalistic activities, this analysis focuses on how editorial projects suggest that the Folha de São Paulo journalists face their own profession. Considering that they are identified as belonging to a prescribing gender, those texts usually guide the communication professionals' activities in several ways: both ethical and behavior ones, as well as in relation to the use of text techniques. Thus, it was possible to notice a singular change in the form by which the journalistic work is made, both in relation to time, a category quite related to that professional activity, and to space, since journalists, yesterday called "eyewitnesses of the history", have today their telephones and their e-mail addresses as their main work tools.

Keywords: *Journalism, Editorial Project, Chronotopos, Newspaper Folha de São Paulo.*